

**Veículo:** *Revista Época*

**Data:** 02/07/2007

**Autor:** André Fontenelle

## **Cidades só crescem sem crime**

*José Alexandre Scheinkman, professor em Princeton,  
explica a relação entre segurança e prosperidade*

À primeira vista, pode parecer estranho que um economista figure em uma reportagem sobre violência. Mas a contribuição da economia à discussão sobre como combater o problema é evidente. Analisar o crime como uma atividade econômica, por exemplo, ajuda a entender as motivações dos criminosos – e a elaborar soluções para dissuadi-los de prosseguir nesse ramo, explica o professor brasileiro José Alexandre Scheinkman, da Universidade Princeton. Esta semana, Scheinkman e outros economistas de renome participam em Cambridge, Massachusetts, de um seminário sobre crime e violência, organizado pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso e pela Universidade Harvard. O tema do seminário, “Um novo repertório de estratégias frente ao crime e à violência na América Latina”, mostra que a busca por soluções para a violência vai além da polícia e do Judiciário. Scheinkman falou a *ÉPOCA* sobre esse tema.

**Época:** Como a economia pode ser útil no combate ao crime?

**José Alexandre Scheinkman:** Uma das contribuições que os economistas trouxeram para o debate foram novas técnicas estatísticas importantes para entender as forças que podem reduzir a criminalidade. Uma das coisas que hoje estão estabelecidas é o fato de que os criminosos são muito sensíveis à probabilidade de punição. Gary Becker, meu ex-colega na Universidade de Chicago, foi o primeiro a modelizar o criminoso como alguém que toma decisões levando em conta os ganhos e os riscos. Se as pessoas vêem a perspectiva de serem punidas, vão ter mais medo de cometer crimes. Não é o único fator que explica a variação nos índices de criminalidade, mas tem se revelado uma linha de pesquisa muito frutífera.

**Época:** Como isso se aplica ao Brasil?

**José Alexandre Scheinkman:** No caso brasileiro, uma constatação óbvia é que o crime não é punido. A probabilidade de uma pessoa que comete assassinato chegar a ser condenada é muito pequena. No Rio a taxa de elucidação de homicídios é baixíssima: menos de 3%. Praticamente ninguém é condenado se não for pego em flagrante. Nos EUA, em 65% dos homicídios pelo menos um acusado é levado a julgamento. Se a polícia fluminense tivesse a metade da eficácia da polícia americana – digamos, uns 35% –, a taxa de homicídio provavelmente cairia quase 40% no estado.

**Época:** Como mudar isso?

**José Alexandre Scheinkman:** A sociedade tem o papel de pressionar o governo a fazer certas coisas. Mas a polícia brasileira só vai melhorar na hora em que o governo agir. Essas idéias já filtraram dentro da comunidade (de segurança), pelo menos fora do Brasil. Nos Estados Unidos todo mundo já está convencido de que não se começa a diminuir a criminalidade se não houver punição. No Brasil isso está começando. A implementação disso depende de uma legislação um pouco mais dura, de que melhore a eficiência da polícia, de que o governo exija mais apuração, de que um maior número de inquéritos chegue ao fim.

**Época:** Qual é o custo do crime para a sociedade?

**José Alexandre Scheinkman:** Há uma grande dificuldade de fazer uma avaliação precisa do custo do crime. Sabemos que ocorrem no Brasil em torno de 50 mil homicídios por ano. A grande maioria dessas pessoas são relativamente jovens, com um futuro produtivo que é perdido. Companhias de seguro sabem como quantificar o custo de uma morte. Você também quantifica o que gasta em segurança: o enorme número de empresas de segurança privada, a blindagem de carros e os gastos com polícia são gastos que podem ser somados. Chega-se a números por volta de 5% do PIB. Mas há coisas que não aparecem em nenhuma estatística. Na semana passada as pistas do aeroporto do Galeão foram fechadas por causa de um tiroteio. Pode-se imaginar o que isso representa para a imagem do Rio de Janeiro. Muitas pessoas não saem mais de casa à noite. São coisas que não aparecem em nenhuma estatística. Há metodologias que tentam indiretamente medir esses fatores mais difíceis de medir. É difícil, mas chega-

se a um número entre 5 e 20% do PIB.

**Época:** De um ponto de vista econômico, combater o crime não sai mais barato que arcar com seu custo?

**José Alexandre Scheinkman:** Não necessariamente. A experiência americana na chamada “guerra contra as drogas” mostrou que ela custa uma fortuna, com muito pouco efeito. E com um efeito colateral enorme, que é a briga pelo controle do tráfico de drogas, com mortes em tiroteios. Essa violência está associada ao fato de ser um negócio altamente lucrativo. Será muito difícil controlar a violência no Rio enquanto o negócios de drogas for tão lucrativo. E é lucrativo por causa da repressão. É só pensar na Lei Seca nos Estados Unidos: quando o uísque era proibido, quem o vendia eram as gangues.

**Época:** Isso significa que o senhor defende a legalização das drogas?

**José Alexandre Scheinkman:** Não. Mas é uma questão que tem que ser debatida. É preciso discutir como nós vamos controlar as drogas: se com o sistema de proibição que nós temos hoje em dia, que tem se revelado ineficaz, ou com um sistema em que as drogas são taxadas ou algum outro. Um problema é que hoje em dia o governo americano, e principalmente o governo Bush, é tão contra a legalização que qualquer país que o fizer vai enfrentar a ira da política externa americana.

**Época:** E as conseqüências que o vício acarreta?

**José Alexandre Scheinkman:** Nem tudo pode ser como queremos. Depois que acabou a Lei Seca, provavelmente os Estados Unidos passaram a ter mais alcoólatras, mas as gangues pararam de se matar nas ruas. Uma possibilidade seria o imposto, como se faz hoje com o cigarro. Mas há sempre um limite pra isso. Se você fixa um imposto muito alto, é o mesmo que tornar o cigarro uma atividade ilegal, pois isso incentiva o contrabando. É preciso achar o que nós, economistas, chamamos de “imposto ótimo”.

**Época:** Que outras contribuições a economia pode trazer ao debate?

**José Alexandre Scheinkman:** Edward Glaeser, professor em Harvard, é o grande especialista americano na questão urbana. Para ele, o controle da criminalidade, hoje, é

essencial para se ter uma cidade próspera. As cidades que não conseguem controlar o crime não conseguem crescer. Isso tem a ver com a mudança do papel dos centros urbanos. No passado, a cidade era um local onde se aglomerava a produção. As fábricas se instalavam em São Paulo porque outras fábricas já estavam lá. Era preciso estar perto do lugar onde se compravam insumos. São Paulo era assim, Nova York era assim, Paris era assim. Hoje isso não existe mais, porque o custo do transporte caiu muito e a produção está descentralizada. Algumas cidades não sobreviveram a isso. Um exemplo é Detroit, nos Estados Unidos, que dependia da indústria automobilística. Hoje o fabricante de carros não precisa estar perto do fabricante de autopeças. Mas por que Nova York prosperou? Por duas razões: primeiro, nela se produzem coisas que demandam alto capital humano e que exigem pessoas próximas umas das outras, como as finanças, a medicina, a propaganda. Segundo, porque pessoas de educação elevada querem viver num lugar que tem muitos serviços: culturais, de entretenimento etc. Se você não resolve o problema da criminalidade, evidentemente não pode fazer isso. Uma das razões por que Nova York funciona bem é que é uma cidade muito segura. A queda da criminalidade foi muito importante para que a cidade crescesse economicamente.

**Época:** Esse raciocínio econômico se aplica também à corrupção?

**José Alexandre Scheinkman:** De novo, é uma questão de punições. Toda a questão da corrupção no Brasil está intimamente ligada à falta de punição. Nos Estados Unidos, o deputado Duke Cunningham, da Califórnia, estava recebendo dinheiro para fazer lobby de fornecedores do Pentágono. Foi pego e, em poucos meses, condenado a oito anos de cadeia. Uma punição desse tipo faz com que o próximo pense. No México, o governo demitiu recentemente um número de enorme de chefes no topo da hierarquia da polícia. É a idéia de que é preciso agir duramente para garantir que a polícia seja honesta.